

# O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos: O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

*Jesus Alexandre Tavares MONTEIRO<sup>1</sup>*

*Carolina Costa RESENDE<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo explicitar o uso do audiovisual no processo de ensino e aprendizagem por meio, mais especificamente, da abordagem do mundo do trabalho em esquetes do grupo Porta dos Fundos. Por intermédio de uma revisão bibliográfica sobre o tema, de experiências de docência e de debates coletivos em um grupo de trabalho, constituiu-se um arcabouço de conceitos relativos à temática do trabalho revistos e exemplificados em oito esquetes. Em consonância, promovemos um breve debate sobre o uso da arte cômica em sala de aula e tecemos reflexões sobre a mediação audiovisual. Desse modo, constatou-se que o processo de mediação educacional ocorrido por meio do ativismo visual é uma exímia ferramenta de intervenção pedagógica para as práticas docentes.

**Palavras-chave:** Comédia. Esquetes. Grupo Porta dos Fundos. Mediação e Trabalho.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação na UFMG/FAE (atual) e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020). Instituição: Centro universitário Vale do Rio Verde – UNINCOR; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5401-9677>

E-mail: [jesus.alexandre@ymail.com](mailto:jesus.alexandre@ymail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Administração na FEA-RP/USP (atual) e doutora em Psicologia pela Universidade Católica de Minas Gerais (2014). Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3054-547X>

E-mail: [carolinaresende.psi@gmail.com](mailto:carolinaresende.psi@gmail.com)

# Contemporary work through skits of the “porta dos fundos” group: The audiovisual in the teaching and learning process.

*Jesus Alexandre Tavares MONTEIRO*  
*Carolina Costa RESENDE*

## **Abstract**

This article explains the use of audiovisuals in the process of teaching and learning, more directly the approach to the labor world in skits of the group “*Porta dos Fundos*”. Through a bibliographic review of the subject, teaching experiences, and collective debates by a working group, a framework of concepts related to the theme of work, reviewed and exemplified in eight skits, was constituted. Accordingly, we promote a brief debate on the use of comic art in the classroom and weave reflections on audiovisual mediation. Thus, it was noted that the educational mediation process that took place through visual activism is an excellent pedagogical intervention tool for teaching practices.

**Keywords:** Comedy. Skits. “*Porta dos Fundos*” group. Mediation and Work.

# **El trabajo contemporáneo a través de escenas cómicas del grupo “porta dos fundos”: El audiovisual en el proceso de enseñanza y aprendizaje.**

*Jesus Alexandre Tavares MONTEIRO  
Carolina Costa RESENDE*

## **Resumen**

Este artículo explica el uso del audiovisual en el proceso de enseñanza y aprendizaje, más directamente el mundo del trabajo a través de escenas cómicas del grupo “Porta dos Fundos”. Por medio de una revisión bibliográfica acerca del tema, experiencias de docentes y debates colectivos por parte de un grupo de trabajo, se constituyó una planificación de conceptos referentes al tema del proyecto revisados y ejemplificados en ocho escenas cómicas. Consecuentemente, promovemos un breve debate sobre el uso del arte cómico en el aula y tejemos reflexiones sobre la mediación audiovisual. De esta forma, se ha comprobado que el proceso de mediación educativa que se llevó a cabo a través del activismo visual es una excelente herramienta de intervención pedagógica para las prácticas docentes.

**Palabras clave:** Comedia. Parodias. Grupo “Porta dos Fundos”. Mediación y Trabajo.

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

## 1 Introdução

O intuito deste artigo é o de apresentar algumas reflexões sobre o mundo do trabalho através do processo coletivo de discussão e análise dos esquetes audiovisuais do grupo Porta dos Fundos. Segundo Pavis (1999, p. 143), o esquete “é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga, instituída nos momentos engraçados e subversivos”. É uma intervenção rápida com profundidade afetiva e intensidade reflexiva. Porta dos Fundos é um coletivo de artistas que criou um canal no Youtube<sup>3</sup> de episódios de comédia no ano de 2013 e que possui atualmente milhares de seguidores, tendo atingido, em 2017, o número de 3 bilhões de visualizações.

Usar a produção cinematográfica como uma ferramenta didática é um exercício recorrente entre docentes de forma geral e entre os estudiosos do mundo do trabalho. Mais do que uma ferramenta, a escolha da arte como forma de interlocução sobre os fenômenos relativos ao mundo do trabalho é uma necessidade imprescindível diante de leituras tão abruptas do mundo que vivenciamos na atualidade. Torna-se imprescindível ultrapassar as formas tradicionais de ensino e aprendizagem para atingirmos mais adeptos às discussões sobre os fenômenos do trabalho contemporâneo.

O objeto de análise do presente estudo parte da experiência profissional na docência da disciplina denominada Psicologia do Trabalho entre os anos de 2012 e 2019. A disciplina foi ministrada em diferentes cursos de graduação que discutiram o tema do trabalho, como Administração, Contabilidade e Cursos de Gestão e Logística de universidades e faculdades privadas da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Essas graduações compartilhavam em suas ementas uma elaboração teórica sobre o trabalho com foco em gestão empresarial.

A partir dessa experiência docente, o desenvolvimento do presente trabalho foi produzido em cinco momentos ou etapas de pesquisa. O primeiro consistiu na seleção prévia dos esquetes a serem apresentados com foco nas relações de trabalho da atualidade. A base de coleta de dados foi o *site* oficial do grupo Porta dos Fundos, com base nas palavras-chaves: trabalho, gestão, emprego, recursos humanos, trabalhador e empresa; também foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos e publicações referentes ao grupo em questão. Em um segundo momento, foi realizada a exposição dos

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/@portadosfundos>

MONTEIRO; RESENDE.

22 esquetes pré-selecionados pelos integrantes e pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos (LABTRAB) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O intuito desse encontro foi assistir à série de esquetes do grupo Porta dos Fundos no coletivo e questionar, refletir e criticar as possibilidades advindas dos audiovisuais. Desse encontro, foram selecionados os esquetes mais significativos para teorização e excluídos os que apresentavam debates estereotipados ou abriam condições para promover discriminação ou exclusão. O resultado foi encaminhado para apresentações em eventos, seminários e simpósios. Após esse processo, foram reavaliadas as discussões e elaborado o artigo em questão.

Dessa forma, constituímos tópicos em que, inicialmente, desenvolveremos um debate sobre o uso da arte cômica em sala de aula e, em seguida, teceremos leituras sobre a mediação audiovisual e as análises dos esquetes e reflexões conceituais referentes ao mundo do trabalho.

## 2 Arte, comédia e esquetes

A arte instaura-se neste artigo como o esteio de nossa reflexão sobre o trabalho. Entretanto, como outras formas de interpretação e análise do mundo, sofre interferências diretas do modo de produção vigente. Desse modo, é preciso afirmar que estamos falando da arte capitalista detentora de uma leitura dicotômica ideológica ou revolucionária. É um processo de transformação do mundo, de criação e trabalho, mas também de reprodução e alienação. Fischer (1967) descreve em seu livro *A Necessidade da Arte* o posicionamento do teatrólogo marxista Bertolt Brecht sobre a postura de suas obras enquanto relações de classe.

Brecht observa que, numa sociedade dividida pela luta de classes; o efeito "imediat" da obra de arte requerida pela estética da classe dominante é o efeito de suprimir as diferenças sociais existentes na plateia, criando, assim, enquanto a peça vai sendo encenada, uma coletividade "universalmente humana" e não dividida em classes. Por outro lado, a função do drama "não-aristotélico" que Brecht preconizava era precisamente a de dividir a plateia, para o que lhe cumpria remover o conflito entre os sentimentos e a razão, incentivado pelo mundo capitalista (FISCHER, 1967, p. 15).

Um teatro desnudo que deseja mostrar as peles que encobrem o corpo e os conflitos de classe. Uma arte que necessita do desequilíbrio para produzir e não repetir. Um processo de reflexão que cinde a plateia do arado e das classes e revoga posições. "Esta arte produtora de significados e sentidos

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo e reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias” (FISCHER, 1967, p. 13). Vygotsky (1999) complementa que, para além de sua importância de classe, a arte desenvolve os afetos:

A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, fórmula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel [...] a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, [...] é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida. Isto rejeita radicalmente a concepção de arte como ornamento (VYGOTSKY, 1999, p. 316-329).

A arte é vista pelo autor como um exercício de equilíbrio entre os conflitos internos e externos provocados pelo encontro com o outro chamado sociedade. Opera no intuito de mobilizar as emoções e transformá-las. Contudo, entre as artes, não optamos por analisar poemas, letras musicais, filmes clássicos ou telas de renomados pintores. Escolhemos o estilo cômico reproduzido na internet por um grupo extremamente polêmico.

Malta *et al.* (2017) promovem uma reflexão ao discutir o tema sobre humor e sexismos e pontuar que a comicidade é central ao promover um discurso estereotipado de mulheres e demais grupos excluídos. Os autores descrevem: “Deste modo, salientamos, de forma crítica, que o humor não deveria romper as barreiras do respeito ao ser humano e aos grupos sociais, especialmente às minorias já socialmente oprimidas” (MALTA *et al.*, 2017, p. 6).

De fato, a controvérsia do uso do humor em discussões acadêmicas pode ser vislumbrada em dois antagonismos. O primeiro é sobre o humor que reproduz a exclusão e afirma as diferenças sem uma reflexão; somente uma forma de reafirmação de poder. E o segundo, que muito nos interessa, é sobre a posição de denúncia e crítica através da arte. “De fato, parte da função do humor deveria ser a de desafiar os poderes injustos estabelecidos pela sociedade historicamente opressiva e discriminatória de forma crítica por meio do riso” (MALTA *et al.*, 2017, p. 6).

A comédia, por essa contradição eminente e preponderante em nossa sociedade, tem sido excluída do campo acadêmico e, principalmente, das discussões teóricas ao refletir a controvérsia da arte em geral. George Minois (2003) descreve que o humor e, conseqüentemente, o riso são efetivos instrumentos intelectuais da crítica e afirma que “o riso é um caso muito sério para ser deixado para

MONTEIRO; RESENDE.

os cômicos” (MINOIS, 2003, p. 15). Vygotsky (1999) descreve como a arte despoja o trágico do cômico e do dramático submetidos à catarse.

É semelhante à estrutura da comédia, que conclui sua catarse no riso do espectador sobre as personagens cômicas. Aqui é patente a divisão entre espectador e personagem da comédia: a personagem cômica não ri mas chora, enquanto o espectador ri. Verifica-se uma evidente duplicidade. Na comédia a personagem é triste, o espectador ri ou, ao contrário, a comédia pode ter um final triste para o herói positivo, mas, ainda assim, triunfa o espectador (VYGOTSKY, 1999, p. 294).

A catarse é o resultado da vivência da arte, em que as emoções, junto com consciência, entram em contradição. Em uma explosão conflituosa, rimos e choramos mutuamente. Concordamos e discordamos em uma confluência de saberes, emoções, ressignificações, estranhamento e reconhecimento. A comédia demanda uma rapidez de raciocínio que se mescla com a surpresa de uma forma de pensamento criativa.

Os esquetes, modelo produzido pelo grupo em questão e formato escolhido para esta pesquisa, são constituídos de breves apresentações de ideias com plena intensidade emocional. Podemos equipará-los com as charges e os breves contos ou crônicas.

O grupo Porta dos Fundos, segundo Borges (2014), aproveitou-se do espaço disponibilizado pela internet e inseriu uma experiência cômica já testada por um dos integrantes em um *site* denominado Kibe Loco:

Já da internet, aproveitou a liberdade para explorar questões tabus, inserir críticas a marcas e políticos, e usar uma linguagem mais jovem. A web possibilitou, também, que o grupo fosse mais dinâmico e apresentasse abordagens distintas das usuais, bem como o uso de novas estratégias de divulgação e manutenção do público (como o uso da cena extra e a criação de outros produtos, como, por exemplo, o *Porta Afora*) (BORGES, 2014, p. 50).

Dentre os temas tabus de debate do grupo, a exposição do mundo do trabalho é uma questão recorrente. Ele oferece uma leitura sobre o mundo do trabalho que, em partes, repete a lógica capitalista, mas também denuncia os flagelos desse sistema. É uma forma lúdica de discutir tabus societários e a dinâmica em seu posicionamento didático, se associada a um campo de reflexão, pode promover a descoberta e a crítica. ‘

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

### **3. Os esquetes e o mundo do trabalho: um caminho para mediação**

O processo de mediação, segundo Silva e Gasparin (2020), consiste na relação dialética baseada na tríade discente, docente e conteúdo. O docente, ciente de sua apropriação cultural do conteúdo e da sua volatilidade histórica, busca formas de mediá-lo para torná-lo cada vez mais acessível ao discente. Para tal, a compreensão e a adaptação das funções psicológicas superiores diante dos instrumentos favoráveis à mediação são fundamentais.

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar [...] (VYGOTSKY, 2007, p. 56).

Como apresenta Silva e Gasparini (2020), é preciso pensar sobre o conteúdo e sua sistematização juntamente com o discente e sua realidade como um diagnóstico da tríade. A partir disso, em seguida, deve ocorrer o ato da mediação, em que o estudante e o professor encontram-se com o objeto social do conhecimento e se inter-relacionam. A partir desse encontro, o que se cria e se transforma deve ser avaliado.

Dos teatros gregos às novelas romanceadas da atualidade, os processos elementares da formação audiovisual afetam diretamente o conjunto de nossas funções psicológicas superiores. Ver um esquete, ouvir as entonações presentes nos diálogos, se atentar a um breve enredo, ser afetado pelo campo das emoções e ter campo para reflexão do vivenciado coloca nossas funções superiores aptas a serem questionadas, vivenciadas e revivenciadas.

Mediar se torna uma conjunção ou um encontro planejado para a construção de um novo saber. Na sala de aula, esta fluência de saberes se potencializa com instrumentos qualificados, como os processos do audiovisual, e tais processos são coadunados pela ação de mediação em ativismo visual.

#### **3.1 Conceito de trabalho - do invisível à invisibilidade**

Para dar início ao debate em sala de aula sobre o mundo do trabalho, é imprescindível conceituar e entender a complexidade do trabalho. Segundo Marx e Engels (2005), o que nos coloca na condição de humano é a função primordial de transformação do mundo e sua relação social, e neste movimento conceitua-se a essência do trabalho. Entretanto, o trabalho transformador é uma ação complexa e com facetas múltiplas, uma atividade que precede a sua ação e a transpõe em seus efeitos. Para



MONTEIRO; RESENDE.

exemplificarmos a relação conceitual do trabalho, buscamos um esquete denominado *Corte de gastos*.

Nele, a cena tem início com uma conversa entre um diretor cinematográfico e o produtor financeiro sobre o corte orçamentário em um filme. O produtor financeiro começa a questionar a utilidade dos vários profissionais participantes de uma produção cinematográfica. A cada questionamento sobre um determinado profissional, há uma concordância da retirada dele do campo de trabalho. E com o desenvolvimento do diálogo e a aprovação dos cortes dos profissionais, as funções produzidas por cada trabalhador são retiradas do esquete, o que causa uma redução da qualidade da imagem, do som e de outras funções audiovisuais, culminando em um empobrecimento completo do vídeo. O sentido e o significado sofrem perdas visíveis na qualidade.

Nessa obra, transborda as derivadas etapas produzidas no trabalho e as interlocuções, transdisciplinaridades e interdisciplinaridades para efetivação desse processo. Transcorre nesse esquete a invisibilidade presente quando obtemos um produto do trabalho e não compreendemos a atividade permeada de ações, de cuidados e de investimentos antes, durante e depois da sua efetivação.

Um dos personagens responde ao ser questionado sobre o corte de um trabalhador: “[...] direção de arte? Pode cortar, é vídeo feito pela internet. Não precisa disso [...]”. (PORTA DOS FUNDOS, 2012) escreve sobre a invisibilidade no mundo do trabalho:

Porque se vai presumi-lo a partir de uma conceituação que sempre comporta uma parte invisível ou uma penumbra. Crê-se, sem razão, saber de forma clara de que se fala quando, no entanto, todo “trabalho” comporta uma parte invisível provisória, na espera de uma eventual elucidação, e uma parte irreduzivelmente enigmática. Para mais bem mensurar essa dificuldade, é bom fazer ‘trabalhar’ o conceito de trabalho, friccionando-o a “objetos” ou, antes, a formas limites ou que nos pareçam assim (SCWHART, 2011, p. 31).

Podemos exemplificar também essa correlação com o questionamento feito por estudantes aos seus professores, se estes não têm outra função ou trabalho. É uma leitura sobre a atividade da docência como um ato que se inicia na sala de aula e não precede aquele momento com estudos e preparação. Esse esquete visa a contribuir para redescobrir a parte invisível, enigmática de toda a atividade industriosa que perpassa as franjas do mundo do trabalho e desdobram-se até explicitar toda a eloquência do produto final.

O segundo esquete escolhido desse bloco é intitulado de *O táxi*. Refere-se a uma funcionária de uma cooperativa de táxi que oferece os serviços em um aeroporto. A trabalhadora oferece

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

desesperadamente o serviço a todos os transeuntes do local. Após grande insistência e dramaticidade, um cliente aceita a prestação do serviço. Entretanto, a mulher não sabe o que fazer, pois sempre ninguém aceita. O invisível do trabalho, representado no esquete anterior, é contraposto com a visibilidade, mas sem sentido. Esse esquete expressa o não trabalho, a execução de uma atividade sem transformação, qualificação ou compreensão do ato e a ausência de sentido.

Lhuillier (2002) relata que o trabalho esvaziado é denominado *travail placardisé, placard* (estante) do desuso, da desvalorização em vários planos e do limite, da extinção. O trabalhador, colocado em uma estante, é retirado apenas para executar uma milésima parte da função do trabalho e, sem a compreensão do todo, se desloca da atividade de trabalho e se reproduz na simples feição do emprego “[...] olha senhor. Você me pegou desprevenida, pois ninguém nunca aceitou um táxi aqui. E agora eu não sei qual o próximo procedimento [...]” (PORTA DOS FUNDOS, 2014). No esquete há uma trabalhadora não vista, um invisível que busca constantemente o contato com outro em prol da execução vazia de sentido. Essas funções estão presentes em nosso cotidiano, em espaços urbanos, em grandes empresas e fábricas, são exercidas por vendedores ambulantes ou de pequenos comércios, por exemplo. Nesses espaços, a desumanização coloca os trabalhadores em disputa pela venda ou pela execução de uma atividade sem a compreensão dela, e isso promove um exército de invisíveis.

O reconhecimento ressalta-se como outro fator de expressão desses dois vídeos que constituem parte eminente da construção do conceito de trabalho. No encerramento do embate sobre qual a função da trabalhadora, ela indica que o cliente passe em outro espaço de trabalhadores invisíveis: “[...] quando tiver indo pegar seu táxi, passa ali nas meninas das revistas e pega uma lá com elas [...]” (PORTA DOS FUNDOS, 2014).

Vygotsky (1999) relata que a arte é o social em nós, uma referência à expressão coletiva produzida em nós, para nós e com o outro. Expressar a criação é ir ao encontro do olhar do outro. Trabalhar é transformar em prol do outro, é criar em busca de reconhecimento do ser humano. Ambos conotam a expressão artística não reconhecida, e disso manifestam o contraditório do trabalho, o não reconhecimento da atividade e, por parte do sujeito, a ausência de consciência dos seus atos.

### 3.2 Mudanças no mundo do trabalho - o estranhamento

Partimos da essência de que o trabalho é transformação, corroboramos a ideia de que as mudanças estarão presentes e farão parte dele. A perspectiva do trabalho do capital está instituída em instrumentos, tecnologias, ferramentas, inovações, alterações e compatibilidades buscadas incessantemente para uma execução mais qualificada da produção e da adaptabilidade da mão de obra. Contudo, as consequências dessa incessante metamorfose do trabalho direcionada para um aumento de produção são a fragmentação da classe trabalhadora, os adoecimentos e as crises nos sindicatos, como descreve Antunes (2008).

O primeiro esquete selecionado para essa temática das mudanças do trabalho é denominado *O banco*. A cena inicia com um dos personagens entrando em um banco e os funcionários, visualmente desleixados, se surpreendem com a visita de alguém e transparecem a impressão de que há muito tempo não entra ninguém naquele local. A partir desse momento, os funcionários tentam oferecer qualquer serviço para o suposto cliente, desde serviços tradicionais de um banco, como depósito, até dar um caixa eletrônico inteiro para o cliente levar para casa. O término do episódio é a confissão do homem que entrou no banco de que sua vinda até aquele local era somente para se esconder da chuva. Em seguida, um novo personagem adentra o banco perguntando se alguém tem algum filme para devolver à Blockbuster, antiga videolocadora falida em meados dos anos 2000.

Esse esquete foca em demonstrar ao telespectador que as mudanças do mundo provocam a obsolescência de alguns trabalhos na atualidade. As mudanças são uma realidade no mundo do trabalho pela sua condição de criação, sendo que podem promover vantagens contínuas e qualitativas a todos, mas podem esconder relações sutis de desqualificação e empobrecimento das nossas relações sociais.

Ao pensarmos historicamente na função e importância dos bancos, na representação social que os funcionários tidos como bancários tinham em nossa sociedade, na imensidão das redes e sua presentificação pública em todas as cidades, praças, bairros e ruas, é extremamente discutível qualquer posicionamento de que alguma organização na atualidade não possa mudar ou deixar de existir. Podemos contextualizar a importância dos bancos por meio das greves de funcionários que promoveram paralisações nacionais e geraram impedimentos de mercados e cidades inteiras.

Hoje, a mudança dessa concepção é visível em todos os âmbitos. Temos um número ínfimo de bancos presenciais, o quantitativo de funcionários reduziu exponencialmente e, como consequência,

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

também diminuiriam a sua importância e a valorização no mercado e sociedade. Porém, se não temos mais funcionários ou filas, uma questão se faz presente: quem executa esse trabalho? A informatização é a resposta imediata e, na atualidade, houve avanços como a robotização no processo de industrialização dos anos 80 e 90 nas grandes indústrias, o que reduziu o número de funcionários nas fábricas. No caso atual da informatização dos bancos, quem executa o trabalho dos desempregados ou quem opera os caixas são os próprios clientes. Sem promover qualquer redução dos custos para o cliente, há um maior ganho para os proprietários. Esses fatores são resultados do processo de liofilização organizacional, que consiste no enxugamento, desidratação dos processos do trabalho. Nesse processo, o trabalho vivo, ou seja, a participação humana no processo de transformação da natureza, está sendo substituído pelo maquinário técnico-informacional presente no trabalho morto, caracterizado pela ausência direta do homem na produção e transformação.

Podemos apontar que essa mudança nada ingênua, além de gerar desemprego, não proporciona atualização, capacitação e reordenamento para todos os funcionários dentro da estrutura desse trabalho ou de outro possível, além de destituir o vínculo geracional entre clientes e funcionários. Isso é evidenciado na pesquisa produzida por Gomez e Silva (2015), que aponta a dificuldade e resistência de clientes do interior de Minas Gerais quanto ao uso dos canais alternativos de atendimento bancário.

O outro esquete priorizado para o debate das mudanças no mundo do trabalho foi intitulado *Jornalista*. O enredo apresenta as imposições que as mudanças do capital promovem nas relações éticas instituídas no mundo do trabalho. Também alerta para as *fake news* e para as induções que as atividades relacionadas à comunicação podem trazer para a atualidade. Explicita o diálogo de uma entrevista de contratação entre um editor chefe de uma revista *on-line* e a candidata. No decorrer da cena, algumas questões são levantadas, como a temática da ética profissional exigida na atualidade, a não formação profissional e a adaptação ao mercado.

Mas estou um pouquinho preocupado com esse teu currículo aqui, tá? Principalmente na formação, sabia? - Nossa! Mas eu me formei em jornalista em Londres, fiz Pós-Doutorado, trabalhei no New York Times. - É, pois é, mas trabalhar aqui no nosso *site*, essas credenciais já não fazem muita diferença, entendeu? A gente faz um jornalismo diferente. Mais ágil, mais dinâmico, entendeu? Mais moderno [...] assim, mais pá-pum, sabe? - Pá-pum como? - É tipo ruim mesmo. Não entendi. (PORTA DOS FUNDOS, 2016.)

**MONTEIRO; RESENDE.**

O estranhamento da trabalhadora é visível nos seus embates sobre qual seria a função desse tipo de jornalismo. A forma técnica é deixada de lado, e a essencialidade da sua escolha profissional é substituída por um fazer alienado. Lukács (1981) cita sobre o estranhamento:

Se o estranhamento é entendido como a existência de barreiras sociais que se opõem ao desenvolvimento da individualidade em direção à omnilateralidade humana, o capitalismo dos nossos dias, ao mesmo tempo em que, com o avanço tecnológico, potencializou as capacidades humanas, fez emergir crescentemente o fenômeno social do estranhamento, na medida em que esse desenvolvimento das capacidades humanas não produz necessariamente o desenvolvimento de uma individualidade cheia de sentido, mas, ao contrário, "pode desfigurar, aviltar etc., a personalidade humana"... Isto porque, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento tecnológico pode provocar "diretamente um crescimento da capacidade humana", pode também "neste processo sacrificar os indivíduos (e até mesmo classes inteiras)" (LUKÁCS, 1981, p. 562).

A ética no mundo do trabalho visa a reflexão das escolhas, possibilidades e potencialidades na produção e construção de um produto. Entretanto, engendra-se nas amarras do sistema capitalista o direcionamento para constituição do produto e do lucro sem qualquer avaliação. O que o esquete nos apresenta é que não se estuda ou se qualifica para melhor produção e qualidade da atividade, mas sim para melhor condição de lucro. Não se busca a finalidade de uma profissão ou a essência de se criar algo em um contexto coletivo e saudável para todos, busca-se o lucro. O estranhamento da candidata sobre as exigências do trabalho remete às mudanças impostas por um sistema que se adapta e se entranha nos limiares ideológicos de todas as profissões e coloca o ser humano em condição de desqualificar o outro humano ou de simplesmente não reconhecer a essencialidade do trabalho.

### **3.3 Gestão do trabalho - precarizando e flexibilizando**

A etimologia da palavra gestão, segundo Cunha (1989), endereça seus sentidos ao gerir, procriar e criar. Podemos associar essa palavra à questão de ministrar ou administrar, mais especificamente, ministrar ou dar aula de uma perspectiva de fora. A gestão tem o cuidado, a orientação e a criação coletiva como centralidades na organização dos grupos no mundo do trabalho.

Gerir, devendo ser entendido num sentido complexo, que articule uma dimensão ainda nitidamente profissional ('gerir imprevistos' próprios à atividade considerada); uma dimensão mais econômica (disseminação problemática das condutas de gestão e de contabilidade conforme escalões mais descentralizados); uma dimensão intersubjetiva (a equipe) e pessoal, tal que os ingredientes precedentes possam encontrar as vias de uma instrumentação do si em condições subjetivamente aceitáveis (SCHWARTZ, 2011, p. 42).

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

Porém, os esquetes e as experiências cotidianas das gestões, como descrito por Chanlat (1996), se contrapõem à posição de condições subjetivamente aceitáveis, como explicitado por Schwartz (2011), ou que articule dimensões profissionais e resolutivas. Os esquetes demonstram o modo de gerir primaz produzido na gestão capitalista, em que as artimanhas e as estratégias de resolutividade não são aplicáveis ao trabalhador, e sim ao lucro das organizações.

O esquete em questão é denominado *Promovido*, uma encenação de uma reunião entre patrão e empregado, em que o tema é uma promoção. O patrão anuncia ao funcionário que ele será promovido. O trabalhador demonstra imensa gratidão de imediato, e o patrão começa a descrever a nova função. De forma indireta, o patrão conduz as informações para ludibriar o funcionário sobre a real condição da promoção: “Você agora vai ser um consultor externo, você nem vai precisar trabalhar aqui dentro mais, nem vai precisar vir mais aqui; nunca mais [...]” (PORTA DOS FUNDOS, 2016). A promoção se evidencia no discurso como de fato uma demissão imediata, mas sobreposta na linguagem de promoção e liberdade no trabalho e autonomia. “Agora você vai poder trabalhar em dois três lugares diferentes [...]” (PORTA DOS FUNDOS, 2016). Esse discurso é concluído com o encontro de outro desempregado da mesma organização que trabalha em condições precárias e acredita estar em melhores condições.

O inverso de gerir é explicitado como estratégia ideológica para negação de direitos trabalhistas e formas de incentivar o trabalhador à negação do coletivo, da história do trabalho e alimentar uma paternidade da empresa, que não é culpabilizada pela demissão e escolhas de gestão. A alienação instaura-se no gestor, que acredita que a função que ele executa o exima da condição de trabalhador.

É espantoso notar, no contexto da administração, quanto os executivos vivem num universo de certeza, com a impressão de detentores da verdade. Isso lhes confere um baixo nível de tolerância à contestação e ao espírito crítico, e explica por que se fascinam pela miragem das explicações simplistas e reducionistas, como testemunha a proliferação de receitas, das quais se esperam resultados cada vez mais miraculosos e que, apesar de seus duvidosos sucessos, sempre encontram compradores. Qualquer um que tente ampliar os debates e introduzir considerações sem utilidade imediata, é rapidamente chamado de filósofo, poeta, ou algum outro epíteto de forte conotação pejorativa, o que abre caminho para desconsiderar sua intervenção e escamotear a discussão (CHANLAT, 1996, p. 138).

De modo geral, o mundo da gestão caracteriza-se por uma rejeição apoiada em abstenção de reflexão e em saídas mágicas e imediatistas. Essa condição é também representada no último esquete do tópico de gestão denominado *Nação de sonhadores*.

MONTEIRO; RESENDE.

O enredo desse esquete tem início em uma reunião entre empregador e empregado, em que o primeiro questiona por que em determinada loja de responsabilidade do empregado as vendas tiveram baixas gradativas. O empregado responde às questões do empregador com base em um livro produzido pela empresa em que se exalta o discurso da qualidade de vida, da felicidade e do afeto, vendendo uma ideia de gestão não instituída no lucro.

Sim! Lembra-se do nosso tripé? Inspirar, emocionar e divertir! Por quê? Porque somos uma nação de sonhadores. Como é esse tripé? Repete pra mim. Emocionar, inspirar e divertir! Não tem "vender" nesse tripé, não? Até achei engraçado na época não ter "vender". A gente é uma loja, né? Mas não tem, não. Olha só, Ronaldo, é uma situação chata, mas eu vou ter que demitir você. - Quê? -Eu preciso pagar as contas. Os salários.-Salário? -Salário! Você não recebe salário? Não. Como a gente é uma família unida, eu recebo comissão. Mas assim, você está falando, e eu estou pensando que isto aqui é uma empresa então. Se isto aqui é uma empresa, eu sou um empregado. Se eu sou um empregado, eu tenho que receber uns direitos, né? (1 min. e 4 seg.)

O empregador logo reafirma que ele não escreveu esse livro, mas que foi uma encomenda em seu nome e que teria que mandar o trabalhador embora. A partir desse momento, o empregado compreende que a instituição não é uma família e reclama seus direitos. Em uma nova reviravolta, o empregador retoma o discurso inicial para negar os direitos trabalhistas do seu funcionário e volta às frases construídas sobre gestão como família e afeto com pagamento.

Castel (1998) avalia que a precariedade no trabalho destitui os vínculos empregatícios por meio de contratos temporários, estágios e maneiras mais flexíveis de contratação. Essa degradação estimula condições como o empreendedorismo e coloca o trabalhador em situação de vulnerabilidade. As empresas tentam imbuir as pressões societárias dos dispositivos organizacionais nos trabalhadores sem contabilizar o adoecimento gerado pela frustração e pela culpa de opções ditas por terceiros e que ludibriam o trabalhador. Esse controle consciente afeta as relações subjetivas do trabalhador. O ato de gestar no final toma somente um direcionamento, o do patrão.

### **3.4 Adoecimento e trabalho - da denúncia à culpabilização**

O esquete *Spoletto I* foi um dos primeiros que viralizaram na internet e proporcionaram ao grupo uma relação de marketing direta e de grande porte com o mundo empresarial. A encenação relata, primeiramente, a indecisão de uma cliente diante das escolhas de um *fast food* e a pressão que o funcionário sofre e reproduz diante do funcionamento dessas indústrias de alimentação.

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

[...] Cliente: Oi bom dia, eu queria o Penne e molho queria molho de tomate.  
Atendente: Acompanhamento? Cliente: Eu queria milho. Atendente: O que mais?  
Cliente: Presunto. Atendente: O que mais? Presunto. Cliente: Isso milho e presunto.  
Atendente: O que mais? Atendente: O que mais? O que mais [...]. (PORTA DOS  
FUNDOS, 2012)

A insistência do atendente na resolutividade do cliente diante das opções é a marca da robotização do atendimento. A rapidez e a repetição de movimentos e falas são representativos do *modus operandi* de nossa sociedade e do formato de alimentação ágil e de certa forma sem sentido. O atendente, depois da queixa da cliente, encerra sua fala com a expressão: “quem mandou vir almoçar no inferno” (PORTA DOS FUNDOS, 2012). Esse esquete faz uma crítica direta ao modelo de alimentação rápida como desfavorável ao trabalhador e ao cliente.

O segundo esquete, denominado *Spoletto - parte 2*, institui-se na contramão da denúncia. Foi encomendado pela empresa em questão e visa a fazer uma tratativa sobre o seu atendimento. Nesse, o trabalhador é demitido após ver um vídeo sobre o seu atendimento. A partir desse momento, ele é retratado na busca de novos empregos, que sempre o deixam estressado. Por último, volta ao Spoleto para treinamento e capacitação para que o ocorrido não se repita, mas o trabalhador continua apresentando sinais de tensão diante dos clientes.

Possamai (1997) elucida que, no mundo do trabalho da contemporaneidade, a ideologia de individualismo e fatalismo esconde as verdadeiras razões dos acidentes e problemas ocorridos no trabalho. Esse autor traz à tona a culpa como marca registrada do sentimento do trabalhador diante das organizações. O movimento que o grupo Porta dos Fundos realiza no segundo esquete é o de responsabilizar o trabalhador pelo problema do atendimento. E junto com esta responsabilização, se instaura a culpa. O enredo coloca o trabalhador como o adoecido da relação trabalhista e que não se encaixa em nenhum espaço de trabalho.

[...] (entendemos) por saúde, chegar a um equilíbrio mais ou menos aceitável entre: suas próprias normas provenientes da sua própria história; a do coletivo relativamente pertinente; a do coletivo social que é mais amplo, ou da vida da nação ou do universo social, econômico, humano. Mas a doença, ou a *patologia*, é também o risco permanente de não poder antes a este equilíbrio, o risco de que este debate de normas se desenvolva em desvantagem permanente. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 198).

Contudo, deve-se ressaltar que os espaços de trabalho são adoecedores e são negados como centralidade no segundo vídeo. Os locais de trabalho para realocação são todos promotores de desvantagens ao funcionário. O primeiro deles é o atendente de telemarketing, um dos grupos de



**MONTEIRO; RESENDE.**

trabalhadores que têm alto índice de adoecimento devido aos riscos psicossociais. O segundo lugar é o ascensorista de elevador, quem passa pela mesma composição de trabalho de repetição e desumanização. O efeito desse último esquete é devastador para o trabalhador e contribui para o processo ideológico da culpabilização do profissional.

Estas mediações se colocam como um espaço negado pelos trabalhadores (as), e eles só falam delas quando se insiste em que se procurem as verdadeiras razões dos acidentes. Assim, por exemplo: quando perguntados por que tinham se acidentado, a resposta imediata, em 80% dos casos, era “porque me descuidei” (minha culpa); “foi um azar”, “não tive sorte” (meu destino). Mas, discutindo mais a fundo o fato, eles referem outras razões que levam aos acidentes: “porque o patrão mandou apurar o serviço, para entregar a obra”; ou porque ele foi “chamado a fazer outro serviço, e na volta o andaime caiu porque tinha esquecido de prender” (GRISCI; LAZZAROTTO, 2013, p. 202).

Ao buscarmos o significado da palavra culpa em dicionários, nos depararemos com as descrições que perpassam a lei e a norma e, como consequência, leva ao entendimento de transgressão. Entretanto, para a essência dessa palavra se tornar efetiva, é preciso um pertencimento ou um culpado. Mais precisamente, é necessária uma consciência coletiva e histórica da norma e de suas condições, e é nesse ponto que se faz o passe de mágica que transforma a vítima em criminoso ou culpado. O sistema capitalista usa os recursos possíveis para transformar a consciência coletiva e histórica em algo pontual, que não precise de muitas informações, que seja breve.

Enriquez (2005) faz uma correlação entre a culpa e a vergonha, descrevendo o processo de publicização da culpa em vergonha. Esta publicização funciona como mecanismo de defesa contra o trabalhador, que aceita a culpa para evitar a vergonha temida por ele. Essa culpa interna o adoce e não possibilita a relação coletiva.

#### **4. Conclusões**

O conjunto de esquetes selecionados contribui para promover o debate e as reflexões sobre o mundo do trabalho, desse modo, tem a potencialidade de se constituir como parte clara de um conteúdo pedagógico produtor. Acrescenta-se a possibilidade de uso dos audiovisuais relacionados a performances cômicas sem perder a intencionalidade científica e acadêmica. Dessa forma, o afeto apresenta-se com o instrumento de intervenção reflexivo para situações diferenciadas relativas ao trabalho contemporâneo. As tramas do trabalho são nosso conteúdo a ser vivenciado com estudantes e professores, e a forma cômica favorece a aproximação de temas indigestos.

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo Porta dos Fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

Discutir o trabalho apresenta-se como uma atividade de criação do mundo que pode também ser direcionada para a repetição e a desumanização. É uma contraposição percebida no grupo Porta dos Fundos, que produz reflexões críticas e alienações em seus roteiros cômicos para os esquetes. Essa atitude não coloca o grupo e suas produções em posição de avaliação sobre o processo educativo ou não, mas o contextualiza dentro de um modo de produção artista capitalista. A partir desse complexo contexto de criação artística, percebe-se que o grupo humorístico tem uma profícua produção que pode ser objeto de análise de pesquisas futuras. Mais especificamente, observa-se a necessidade de um novo levantamento documental para desenvolver debates relacionados ao gênero e às relações trabalhistas frequentemente apontadas pelo grupo.

Evidenciamos que o processo de mediação educacional ocorrido por meio do ativismo visual é construído pela intervenção do docente. Essa ação proporciona uma gama incontável de trajetórias dialéticas entre os planejamentos pedagógicos do docente e a realidade da sala de aula; entre o desejo do docente e o desejo do discente; entre o olhar técnico e científico do docente e o saber prático do discente; entre a multiplicidade de olhares diferentes que se deslumbram com a mesma arte. Compreender o trabalho é compreender parte do conteúdo a ser sistematizado com o outro social, e desse outro compreender mais uma parte a ser transformada em suas múltiplas variações.

A mediação audiovisual instaura-se na potencialidade reflexiva. Ao expormos um esquete, cabe ao educador facilitar o processo de aprendizagem. No caso deste artigo, nosso intuito foi potencializar o ensino por meio de um percurso de escolhas de esquetes e temáticos para futuros debates em sala de aula.

## Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2008.

BORGES, Gabriela. Porta dos Fundos: humor de qualidade no audiovisual brasileiro? **Revista Geminis**, Cidade, Juiz de fora 7, n. 2, p. 43-55, 2014.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis, Vozes, 1998.

CHANLAT, Jean François. (coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

ENRIQUEZ, Eugène. *Psicanálise e Ciências Sociais*. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 153-174, jul./dez. 2005.

FERREIRA, Dênis. Gomes.; SILVA, Márcia. Beatriz. Ferreira. Amaral. Estudo do nível de resistência e dificuldade dos clientes do interior de Minas Gerais ao uso dos canais alternativos de atendimento bancário. *In: ENCONTRO NACIONAL CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO*, 27., Foz do Iguaçu. 2015. **Anais...** Foz do Iguaçu: ENANGRAD, 2015.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte: uma interpretação marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

GRISCI, Carmen Ligia ; LAZZAROTTO, Gislei. *Psicologia Social no Trabalho*. *In: JACQUES, M. (orgs). Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 200-2010.

GASPARIN, João Luis. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

LHUILIER, Dominique. **Placardisés**. Des exclus dans l'entreprise. Paris: Seuil, 2002.

LUKÁCS, György. *Democracia Burguesa, Democracia Socialista e outras questões*. **Nova Escrita/Ensaio**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 580-588, 1981.

MALTA, Renata. Barreto. *et al.* Humor ou sexismo? Uma análise crítica das narrativas publicitárias nos filmes do Porta dos Fundos. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 98-116, jan./abr. 2017.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**, São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora, 2003.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PORTA DOS FUNDOS. Corte de gastos. Youtube, 27/12/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SITIFVzSXG8>. Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Táxi. Youtube, 02/01/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DrbU6urDAs0>. Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Banco Youtube, 08/08/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=>. Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Jornalista. Youtube, 16/05/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cX-LlB2j4k>. Acesso em: 16/05/2022.

O trabalho contemporâneo por meio de esquetes do grupo porta dos fundos:  
O audiovisual no processo de ensino e aprendizagem.

PORTA DOS FUNDOS. Promovido. Youtube, 28/03/2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_4ycjc](https://www.youtube.com/watch?v=_4ycjc) Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Nação de Sonhadores Youtube, 03/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mkMf0AET-s&t=92s>. Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Spoleto Youtube, 13/08/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Un4r52t-cuk> Acesso em: 16/05/2022.

PORTA DOS FUNDOS. Spoleto II Youtube, 29/08/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ebe-3s4TLfQ&t=21s> Acesso em: 16/05/2022.

POSSAMAI, Hélio. **Minha culpa, meu destino**: representações sociais de acidente do trabalho. 1997. 248f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: PUCRS, 1997.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (org.). **Trabalho & ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p.19-45, 2011.

SILVA, Gilmar. Belmiro da; GASPARIN, João. Luiz. **A mediação pedagógica em Vigotiski, Comenio, Herbart, Dewey e Skinner**. Curitiba: Ed. Appris, 2020.

VYGOTISKY, Lev. Semionovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev. Semionovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em:18/08/2022  
Aprovado em:27/02/2023